



O Militante



BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O VI CONGRESSO

uma vitória de alcance histórico na vida do P.C.P.!

Realizar com pleno êxito um Congresso na situação de feroz repressão fascista, constitui uma vitória muito importante, não apenas para o Partido Comunista, mas para todas as forças que lutam contra o regime. Naturalmente que esta vitória tem, para nós comunistas, um significado especial, pois ela representa acima de tudo mais uma insofismável prova da capacidade realizadora e da vitalidade revolucionária do Partido. Se mais não houvesse, bastaria o facto de neste Congresso terem sido aprovados o Programa e os Estatutos para que ele ficasse a marcar na vida do Partido um acontecimento histórico do mais alto alcance. Mas a vitória alcançada com a realização do Congresso, não consiste apenas na aprovação dos documentos dele saídos, mas na resolução de muitos problemas sem o que, essa realização não teria sido possível.

O CONGRESSO

Como é de calcular se a efectivação de um Congresso coloca, em qualquer situação, numerosos problemas, na clandestinidade eles são ainda em maior número e mais difíceis de resolver. Desde a escolha dos delegados até à sua preparação tudo são dificuldades. Como é evidente só numa situação de legalidade os delegados podem ser livremente eleitos e verdadeiramente representativos. Só então, as organizações podem com tempo discutir as teses aprovadas para o Congresso e enviarem a este os quadros mais capazes de interpretar as opiniões do colectivo. Na ilegalidade as coisas têm forçosamente de passar-se de maneira diferente. Nem as organizações podem escolher os seus delegados, nem os que são designados se podem preparar convenientemente para a discussão dos problemas que vão ser debatidos, dado o secretismo de que é necessário rodear a preparação do Congresso. Evidentemente que tais limitações e

dificuldades não podem deixar de ter reflexos negativos na contribuição que os delegados devem dar aos problemas em discussão. Assim aconteceu no nosso VI Congresso. No entanto, se se tiverem em conta estas limitações, pode dizer-se, que mesmo assim, o conjunto dos delegados deu valiosa contribuição à linha do Partido. A melhor prova de que assim foi, está nos documentos aprovados — Programa, Estatutos e Relatórios — à volta dos quais se travaram animados debates e para eles foram propostas várias emendas.

Por outro lado, vencer as muitas dificuldades que levanta a organização dum congresso na ilegalidade, dificuldades relacionadas com a defesa dos quadros e muitas outras de carácter técnico, financeiro, etc., dá por sua vez, uma medida deveras ilucidativa da capacidade revolucionária do Partido e da grandeza dos seus recursos, só possíveis num grande Partido nacional.

O CONGRESSO É A MAIS AUTORIZADA VOZ DO PARTIDO

Entre o V e o VI Congressos passaram cerca de 8 anos. Neste espaço de tempo verificaram-se acontecimentos da maior importância tanto à escala nacional como internacional. Em relação a muitos deles tomou o Partido, como lhe competia, a sua posição. Como é evidente, ao Congresso cabia pronunciar-se, pelo menos, em relação aos problemas essenciais, ou seja, ractificar o que se fez

com acerto, regeitar e corrigir o que se tivesse feito erradamente.

Como é sabido foi entre o V e VI Congressos que foram denunciados o «desvio de direita», a «tendência anarco-liberal» e mais recentemente um desvio de carácter esquerdista. Ao C.C. coube a virtude de pôr a nu cada um destes desvios e tomar as medidas para a sua eliminação. Tal como era,



de esperar o Congresso aprovou também unanimemente esta acção do C.C..

No período que decorre entre os dois Congressos iniciaram os povos de Angola, Guiné e Moçambique a luta armada contra o colonialismo salazarista. Ao nosso Partido cabe a honra, não apenas de estar ao lado dos povos dessas colónias desde o começo da sua luta libertadora, mas de ser o primeiro na defesa duma orientação que reconhece aos povos das colónias portuguesas o absoluto direito à auto-determinação e à independência. Também o Congresso aprovou unanimemente a política traçada pelo CC sobre esta importante questão. A saudação aprovada no Congresso e enviada aos povos irmãos das colónias é um documento que, além do mais, caracteriza o espírito internacionalista do Partido.

Mas, não foi apenas na saudação aos povos das colónias que o espírito internacionalista do Partido ficou patenteado, mas também na moção de apoio e solidariedade à luta do Heróico povo vietnamita que luta contra a criminoso intervenção dos imperialistas americanos no seu país. Esta moção foi aprovada calorosamente e de pé, por

todos os congressistas.

Também se examinaram as divergências surgidas no Movimento Comunista Internacional, ocasionadas pelas posições esquerdistas e dogmáticas do Partido Comunista Chinês. Como se sabe, desde a primeira hora o nosso Partido, com toda a autoridade que lhe dá a sua qualidade de Partido independente e fiel aos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, tomou posição ao lado dos partidos que se mantêm fiéis aos mesmos princípios e que são a imensa maioria, à frente dos quais continua o grande Partido Comunista da União Soviética. Pela delicadeza de que se revestia esta questão e porque a orientação do Partido nem sempre foi devidamente compreendida por todos os camaradas, podia admitir-se que acerca dela surgissem divergências de fundo no Congresso, mas tal não aconteceu. A posição tomada pelo C. Central, depois de esclarecidos alguns pontos menos claros para um ou outro congressista, foi considerada completamente justa e aprovada sem restrições. Aliás, a resolução unanimemente aprovada sobre esta questão é a confirmação clara da justeza da linha do Partido.

OS DOCUMENTOS APROVADOS NO CONGRESSO SÃO DOCUMENTOS QUE ARMAM O PARTIDO NO TERRENO DA IDEOLOGIA E DA ACÇÃO

A aprovação do Programa e dos Estatutos vem finalmente terminar com dois aspectos fundamentais das consequências do desvio de direita. A suspensão do Programa e dos Estatutos aprovados pelo V Congresso, sendo justa, acabara também por ter reflexos negativos em todo o nosso trabalho, na medida em que não foram prontamente substituídos por outro Programa e outros Estatutos. Com efeito e como é natural a falta dum Programa e duns Estatutos correctamente elaborados contribuía para o enfraquecimento da unidade de pensamento e acção dentro do Partido. De certa maneira, uma tal circunstância contribuía também para um menor rigor no cumprimento dos princípios do centralismo democrático. É evidente que se não pode pensar que a simples aprovação do Programa e Estatutos vem dar remédio a tudo que estava doente, que eles podem ser a «varinha de condão» para resolver de jacto todas as dificuldades do Partido. Estes documentos são na verdade armas importantíssimas postas à disposição do Partido e destinadas a dar forte impulso a todo o nosso trabalho, mas para isto é indispensável que cada um estude e aplique no seu sector de trabalho a orientação que neles é traçada. Só estudando o Programa cada militante e simpatizante fica a conhecer capazmente a orientação do Partido em relação aos problemas fundamentais que afligem a Nação, entre eles os problemas da classe operária e das massas populares, como fica a conhecer melhor os objectivos de toda a nossa luta e as perspectivas raiadas que ela

abre ao futuro do nosso país. Estudando os Estatutos, cada militante fica a saber que pertencer ao Partido Comunista implica desde logo ficar sujeito à sua disciplina, aos princípios leninistas do centralismo democrático, que são a base da unidade, da coesão, da força e vitalidade do Partido, como fica a saber quais os direitos e deveres que a sua qualidade de militante lhe concede e impõe.

O Programa e Estatutos só podem dar ao Partido aquilo que deles é justo esperar se forem transformados em documentos vivos que orientem e inspirem cada militante e simpatizante no seu trabalho constante junto da classe operária e das massas.

O Relatório sobre a actividade política, é um documento que, embora enquadrado numa linha política já aprovada pelo Partido, vem actualizar alguns aspectos dessa linha e colocar novas teses, cujo estudo é absolutamente indispensável para a melhoria de toda a actividade do Partido e do nível político e ideológico de cada militante. O Relatório sobre Problemas de Organização dá importante contribuição para vencer as deficiências de organização que tanto afectam hoje a ligação do Partido às massas e o desencadeamento de novas e mais potentes lutas da classe operária. Mas, também, cada um destes relatórios só dará ao trabalho do Partido a contribuição que deles se deve esperar, se o seu estudo se fizer com vista a vencer as imensas dificuldades que impedem o desenvolvimento da actividade e da organização do Partido.

O CONGRESSO, ALGUMAS CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA LUTA REVOLUCIONÁRIA

São numerosas as conclusões que podemos sacar tanto dos relatórios apresentados ao Congresso e por ele aprovados, como da discussão feita em volta deles. De entre elas podemos salientar para já as seguintes:

- a) Que, nas condições actuais de repressão fascista e das pressões esquerdistas oriundas da pequena burguesia se impõe: reforçar a unidade de pensamento e acção de todo o Partido; respeitar e aplicar intransigentemente os princípios leninistas do centralismo democrático; reforçar a unidade e a confiança nos organismos dirigentes do Partido a começar pelo Comité Central; desenvolver e reforçar a disciplina e o cumprimento das resoluções para tornar mais eficiente a defesa de todo o aparelho clandestino do Partido.
- b) Tendo-se chegado à conclusão que as dificuldades principais do Partido estão absolutamente ligadas à fraqueza da sua organização em especial no que se refere à classe operária, impõe-se: desenvolver todos os esforços para levar a organização do Partido a muitas e muitas empresas e classes, a muitas e muitas localidades rurais, assim como a muitas cidades, vilas e zonas do país onde ainda não temos organização ou onde esta está desligada; seleccionar cada vez mais criteriosamente os homens e mulheres que devem ser recrutados para o Partido tendo em atenção que apesar dos grandes esforços que há a fazer para alargar a organização se não deve perder de vista que é mais no sentido da qualidade que da quantidade que devemos

caminhar; aguçar cada vez mais o espírito de vigilância revolucionária em todo o Partido com vista a barrar o caminho à provocação, à cobardia e ao aventureirismo.

- c) Perante a disposição crescente da classe operária, dos trabalhadores e das massas populares para se lançarem na luta por aumento de salários, jornas e vencimentos, por reivindicações políticas e sociais, contra as guerras coloniais, contra a repressão, pelas liberdades democráticas, etc, impõe-se: fazer o máximo de esforços para criar em cada empresa ou classe, em cada localidade rural, comissões de unidade e sindicais representativas que encabezem a luta por aumento de salários, jornas e vencimentos, contra o desemprego, contra o aumento da exploração; que se criem comissões de jovens, de militares, de mulheres, de intelectuais que desencadeiem a luta contra a guerra, contra a vida cara, contra a repressão e as medidas de segurança, contra a censura, etc.; desenvolver igualmente todos os esforços para ligar mais e mais o Partido às massas; procurar por todos os meios reforçar a unidade da classe operária e desta com as camadas do pequeno e médio campesinato e pequena burguesia urbana, tendo em conta que quanto mais unida, organizada e aguerrida estiver a classe operária e quanto mais forte for a sua aliança com os camponeses e pequena burguesia, menos difícil se torna alcançar a unidade ou acordos para acções unitárias com a burguesia liberal.

DIFICULDADES E PERSPECTIVAS

Durante todo o Congresso estiveram presentes em cada congressista, se assim se pode dizer, duas sensações um tanto contraditórias. Uma consistia na constatação das muitas dificuldades ocasionadas pela repressão fascista a todo o trabalho do Partido, a outra dizia respeito às perspectivas muito favoráveis para o desenvolvimento das variadíssimas tarefas do Partido, perspectivas que vinham à superfície em todos os problemas abordados. Efectivamente, na discussão de cada ponto as dificuldades lá apareciam, o que é natural, se tivermos em conta que para os comunistas não há

tarefas fáceis e que o fascismo vivendo a mais grave crise da sua história as torna ainda mais difíceis. Mas a par das dificuldades sempre as perspectivas apareciam a sobrepôr-se. Se a discussão andava à volta das lutas de massas, apareciam sem dúvida dificuldades para as desencadear e incrementar, mas ao mesmo tempo se constatava que, desde há muitos anos se não verifica uma disposição de luta tão elevada e generalizada na classe operária e nas massas trabalhadoras, disposição, que aliás, está patente nas lutas pequenas e grandes dos últimos anos. Se a discussão se fazia em volta de pro-



blemas de organização, quer esta fosse partidária ou unitária, quer se referisse à classe operária, à juventude, aos militares, aos intelectuais ou às mulheres, o fenómeno era sempre o mesmo. Dificuldades? Sem dúvida. Mas as perspectivas de criar fortes organizações em cada uma destas camadas da população lá estavam porque, quer se tratasse de operários ou intelectuais, de mulheres, jovens ou militares, sempre se chegava à conclusão que nunca o descontentamento foi maior entre todos os portugueses, nunca o desejo de pôr fim ao regime fascista foi mais acentuado. Esta constatação deixou em cada congressista a vontade de se lan-

çar às suas tarefas, para fazer mais e melhor, e este é um dos aspectos a assinalar no Congresso que devemos considerar dos mais positivos.

Contudo, fazer mais e melhor, não pode nem deve ser apenas um desejo dos camaradas que assistiram ao Congresso. Fazer mais e melhor tem de ser um sentimento que se estenda a todo o Partido. Só na medida que todos os militantes e simpatizantes sejam ganhos para a concretização prática da linha do Partido expressa no Programa e nos Relatórios Sobre a Actividade Política e de Organização, nós podemos considerar o VI Congresso do Partido como um êxito total.

A GREVE DE PERO PINHEIRO

uma vitória dos trabalhadores e do Partido, contra o patronato e o fascismo

A greve de 14 dias dos 5.000 operários de Pero Pinheiro culminou todo um processo de lutas reivindicativas parciais mostrando a justeza da orientação traçada no Manifesto lançado em Fevereiro de 1965 pela Comissão Executiva do C.C.: «Impulsionemos por toda a parte as reivindicações em curso exigindo a sua satisfação imediata! Apoiemos com assinaturas, com concentrações, com paralisações e com o recurso à greve as nossas reivindicações. Organizemos até ao 1º de Maio uma grande jornada de lutas reivindicativas que culmine em grandes acções de massas no dia 1º de Maio contra a política de fome e de guerra do governo de Salazar.»

Podemos afirmar: a luta dos trabalhadores de Pero Pinheiro desenvolveu-se integrada inteiramente na jornada de lutas do 1º de Maio. Podemos afirmar mais:

Dirigida pelo nosso Partido, do princípio ao fim, esta brilhante vitória da classe operária pode considerar-se, por isso, o diamante maior da jornada do 1º de Maio de 1965.

Num ano de actividades e de lutas políticas anti-fascistas como foi o ano de 1965, a greve de Pero Pinheiro constituiu uma poderosa contribuição à luta geral anti-fascista. A sua organização e

directão, comprovaram a justeza da linha política e tática do Partido, comprovaram a influência e autoridade incontestáveis do Partido junto das massas trabalhadoras, assim como a força revolucionária da classe operária e o seu papel de vanguarda na luta pelo derrubamento da ditadura fascista.

Para os trabalhadores de Pero Pinheiro e para toda a classe operária esta greve demonstrou mais uma vez que o desenvolvimento das lutas reivindicativas contra o patronato explorador é parte integrante da luta geral contra o fascismo pois o governo de Salazar é essencialmente um governo ao serviço do patronato, especialmente dos monopólios e é, por isso mesmo, inimigo dos trabalhadores.

Todo o trabalho de organização da luta que culminou nesta greve foi mais uma demonstração brilhante de que a organização decide tudo como muitas vezes o Partido tem afirmado. A comprovar esta grande verdade está o facto de ainda nesta luta as principais deficiências verificadas se deverem a falhas e deficiências de organização.

Por tudo isto, é de grande importância para o nosso Partido analisarmos alguns dos principais aspectos desta luta e tirar alguns ensinamentos e experiências para novas lutas.

TUDO COMEÇOU POR PEQUENAS LUTAS...

Dando forma organizada ao descontentamento das massas trabalhadoras da região contra a política de fome, de guerra e de miséria do governo, os operários de Pero Pinheiro começaram no princípio do ano a travar uma série de pequenas lutas reivindicativas, quais escaramuças, de prelúdio à grande batalha que se iria desenvolver.

É assim que 50 a 60 operários da empresa **Marmindústria Portuguesa L^a** apresentaram ao patronato em Jan./Fevereiro o pedido dum aumento de 20% de salários (isto correspondia aproximadamente e em média, ao pedido de 10\$00 diários que depois se generalizou). Os operários desta empresa realizaram nessa altura duas concentrações, uma no sindicato e outra na empresa em apoio da sua reivindicação, conseguiram dessa forma um pequeno aumento de 2\$50. São ainda estes mesmos operários que reclamam e conseguem também nesta altura, através duma concentração no escritório, a devolução dum desconto para a guerra colonial que o patrão havia feito abusivamente nos seus salários sem os consultar.

Na semana de 14 a 21 de Fevereiro, várias pequenas concentrações de grupos de 10 a 20 operários tiveram lugar no sindicato, reclamando aumento de salários. Uma dessas concentrações conseguiu juntar 70 operários, uma comissão dos quais discutiu com o presidente do Sindicato. Também na **Pardal Monteiro** os operários reclamaram melhoria de salários, tendo conseguido um pequeno aumento de 4%.

No trabalho ideológico para a consciencialização revolucionária das camadas trabalhadoras mais atrasadas a organização do Partido teve de realizar um intenso trabalho de esclarecimento, combatendo ilusões e concepções legalistas e atentistas espalhadas no seio da classe operária pelos agentes do patronato e do governo. Tais concepções manifestaram-se na defesa da ideia de que não se devia fazer agitação nem concentrações, pois todo o «barulho» que se fizesse só poderia, segundo diziam, atrasar a solução do problema. Segundo tais concepções os operários deviam abdicar de lutar e confiar a solução do problema do aumento às conversas dos dirigentes do sindicato com os patrões...

Em Fevereiro/Março é feita na região uma ampla agitação com manifestos, tarjetas e inscrições contendo as palavras de ordem do Partido para a

jornada do 1º de Maio. Começam a efectuar-se reuniões de operários, na base de toda a classe, para a formação duma Comissão de Unidade Sindical.

A luta pelo aumento de salários começa a polarizar-se mais na base do Sindicato ainda que nalgumas empresas se continuasse a lutar e a conquistar pequenas vitórias parciais do género atrás citadas. A grande quantidade de pequenas empresas e explorações industriais (que constituem a maioria da indústria da região), assim como a sua grande dispersão contribuem para reforçar a necessidade da luta junto do sindicato. Deve frisar-se porém, e isto é uma experiência a ter em conta, que os operários procuraram e utilizaram o sindicato, a partir de determinada fase da luta, mais como um local onde todos se podiam encontrar e concentrar, do que como fonte de solução para as suas reivindicações. É assim que, frequentemente, decisões foram tomadas após discussão entre os operários no decorrer das concentrações efectuadas onde a Comissão de Unidade auscultou directamente o sentir das massas e a sua disposição de luta. Esta forma de organização de luta permitiu que se processasse uma rápida evolução da consciencialização revolucionária das massas ganhando rapidamente as camadas mais atrasadas para a compreensão e pontos de vista da vanguarda revolucionária. Isto verificou-se nitidamente a partir das repetidas concentrações verificadas em Abril e princípios de Maio.

Assim, no dia 4 de Abril é promovida uma concentração no sindicato de 70 a 80 operários a qual se repete no dia 29 com o mesmo número de participantes. Em nome de toda a classe é apresentada pela Comissão de Unidade a reivindicação de 10\$00 diários para todos os operários.

Nesta data pensava-se no desencadeamento da greve para o dia 30, véspera do 1º de Maio, se não houvesse uma resposta favorável ao pedido de aumento. Nesta concentração do dia 29 foi muito discutida a ideia da greve. Considerou-se, porém, muito justamente, que seria prematura tal acção e que havia, sim, que realizar um trabalho de esclarecimento mais intenso, afim de ganhar para esta acção mais vastas camadas de trabalhadores. Foi decidido realizar concentrações mais amplas e fre-



quentes e aproveitar as comemorações do 1º de Maio que é tradicionalmente um dia festivo na região, onde ninguém trabalha, para reforçar a unidade de todos os trabalhadores, antes de passar a uma forma de luta superior. Nesta altura já a Comissão de Unidade Sindical dirige toda a movimentação legal dos trabalhadores, mantendo-se estreitamente ligada às massas. Discutiu-se muito entre os trabalhadores a necessidade de todos tomarem parte activa nas concentrações no, sindicato,

perdendo o receio de falar. Assentaram igualmente quando e como todos deviam romper a gritar que queriam o aumento no decorrer da concentração que se iria realizar no dia 4 de Maio para receber a resposta da direcção do sindicato. Para esta concentração foi feito um importante trabalho de mobilização através de inscrições e tarjetas além dos contactos, discussões e reuniões de trabalhadores.

AS CONCENTRAÇÕES E MANIFESTAÇÕES DOS DIAS 4 E 7 DE MAIO FORAM DECISIVAS PARA A PREPARAÇÃO DA GREVE

No dia 4 de Maio mais de 1.000 trabalhadores compareceram à concentração no sindicato. Visivelmente atemorizado, o presidente (Genicas) que é um laçao, do patronato e do fascismo, pediu aos operários para saírem do sindicato, pois estes haviam praticamente ocupado todas as dependências além de se concentrarem no exterior. Falando aos operários, mais uma vez tentou enganá-los dizendo que se esperassem calmamente teriam o aumento embora este nunca fosse além de 2 a 4 escudos e mesmo assim não seria geral.

Justamente indignados com tal resposta os operários vaiaram a direcção do sindicato apodando-a de laçaios do patronato e invadindo todos os compartimentos do sindicato lançaram à rua, depois de os rasgar e espezinhar, todos os cartazes e dísticos com «pensamentos» de Salazar assim como os livros de propaganda corporativa e fascista.

No dia 7, fortalecidos e entusiasmados com o êxito da concentração do dia 4, compareceram mais de 2.000 operários para nova concentração sindical.

Prevedendo a concentração as autoridades fascis-

tas fizeram ocupar a sede do sindicato por uma força da G.N.R. constituída por duas dezenas de guardas armados de espingarda e capacetes de aço, sob o comando de um tenente e de um sargento armados de pistolas metralhadoras. A massa dos 2.000 operários, acompanhados de muitas mulheres tentam forçar a barreira da G.N.R. e aproximar-se do sindicato, o que dá origem a choques violentos com esta força repressiva. Na luta e choques travados, os operários revelaram uma grande combatividade e espírito de luta. Às agressões da G.N.R. os operários respondiam à pedrada, vaiavam a guarda e gritavam «temos fome! Queremos o aumento!» A manifestação e os choques com a G.N.R. duraram das 18,30 até depois das 23 horas.

A partir destas duas manifestações, que foram decisivas para a consciencialização das camadas mais atrasadas, a ideia da necessidade da passagem a formas superiores de luta ganhou praticamente todos os trabalhadores da região. Os violentos choques com as forças repressivas mostrou a todos os trabalhadores que a resistência do patronato se apoiava nas baionetas do governo e que a este havia que responder com o recurso à greve.

A ORGANIZAÇÃO E DESENCADEAMENTO DA GREVE

A partir da manifestação do dia 7 toda a agitação e todo o trabalho de organização foi virado para a preparação da greve.

Procedeu-se à formação do **Comité de Greve** e à montagem das formas de ligação e de enlace com os trabalhadores das principais empresas e localidades da região.

A organização do Partido que teve sempre um papel activo em todo o trabalho de organização, agitação e direcção dos acontecimentos, tomou medidas orgânicas para que no decorrer da greve se mantivessem os elos de ligação do Partido com as massas em luta na hipótese mais que previsível da Pide entrar a fazer prisões.

É de salientar que neste capítulo se verificou uma grave deficiência no que se refere às medidas a tomar para a defesa da actividade, do comité de greve e para a segurança dos seus componentes. Deste erro resultou um incompleto aproveitamento das possibilidades de luta então existentes.

As notícias do «barulho» em Pero Pinheiro chegaram rapidamente a Lisboa e aos arredores da capital. Por toda a parte se nota grande eferescência e, entre a população local, a ideia da greve é vista com simpatia. Apercebendo-se da disposição dos trabalhadores em irem para a greve, o governo reforça as medidas repressivas. A Pide instala-se na região e a partir do dia 7 percorre as empresas principais tentando intimidar os operários e desencorajá-los da ideia da greve. Brigadas de funcionários do Ministério das Corporações e do I.N.T. percorrem também a região com propósitos demagógicos tentando convencer os operários de que o aumento estava em estudo, etc. A acção duns e doutros fracassou como o demonstra o desencadeamento da greve no dia 19.

Neste dia, ao apelo do Partido e do comité de greve a paralização foi geral em toda a vasta região onde se concentra o grosso da indústria de mármore e cantarias dos arredores de Lisboa, envolvendo nesta importante acção cerca de 5.000 operários de todas as profissões desta indústria. Desde as poucas e isoladas oficinas da parte mais ocidental da região (S. João das Lampas, Terrugem, Vila Verde, etc.), até Pedra Furada e Santa Eulália a oriente, passando pelos principais centros industriais de Pero Pinheiro, Montelavar e Morleu, num total que abrange muitas dezenas de empresas e explorações pequenas e grandes (as

maiores não têm mais de 150 operários), o trabalho parou por completo. Em toda a região, num raio de 7 quilómetros que tem por centro Pero Pinheiro — Montelavar, o ambiente entre os trabalhadores era de forte entusiasmo e alegria ao passar em revista a força da sua unidade.

Mas os valentes operários dos mármore não se limitaram a fazer greve e ficar em casa: Saíram para a rua e estabeleceram piquetes de greve para mobilizar os companheiros e para impor o acatamento da vontade da maioria da classe. Fizeram reuniões e concentraram-se aos milhares, principalmente em Pero Pinheiro, quase todos os dias. Isto levou a choques repetidos com as forças da G.N.R. que tomaram entretanto toda a região estabelecendo praticamente a ocupação e o controle militar.

Vencendo todos os obstáculos postos à sua acção, os operários em greve procuraram a solidariedade dos trabalhadores de outras indústrias da região, tais como os da construção civil, tendo obtido a adesão por alguns dias de muitos deles. Este trabalho foi organizado pelo Comité de Greve que compreendeu justamente a importância dum eventual alargamento da greve a outras indústrias da região para o êxito da luta em curso.

A mobilização dos familiares dos grevistas, em número de muitos milhares, para efectuarem uma marcha de fome até Sintra, estava igualmente nos planos do Comité de Greve e da organização do Partido, só não se tendo concretizado devido a um deficiente trabalho de ligação do Partido com o Comité de Greve e ao atraso da organização desta iniciativa em relação com a duração da greve.

A VIOLÊNCIA DA REPRESSÃO FASCISTA

No próprio dia da eclosão da greve a Pide e a G.N.R. caíram em força sobre a região, especialmente em Pero Pinheiro. Além das forças da G.N.R. que já ali se encontravam desde o dia 7, surgiram durante o dia novos reforços de cavalaria e infantaria, armados até aos dentes. Toda a região foi ocupada militarmente e estabelecidas patrulhas nas estradas e caminhos, nas gares e estações de caminhos de ferro e feito um controle minucioso às camionetas que chegavam e partiam. Ao fim do dia a força da G.N.R. era calculada em cerca de 300 elementos. A estas forças juntaram-se várias brigadas da PIDE.

Todo este aparato repressivo não impediu que no primeiro dia da greve se concentrassem em Pero Pinheiro mais de 2.000 operários grevistas os quais entraram em choques violentos com as forças repressivas que tentavam forçá-los a dispersar. Houve tiros e rajadas de pistola metralhadora ficando vários operários feridos. Os operários respondiam à pedrada às provocações e brutalidades das forças repressivas, ao mesmo tempo que gritavam, as suas palavras de ordem e reivindica-

ções. A PIDE prendeu algumas dezenas de operários. Nada disto intimidou os valentes grevistas que voltaram a repetir nos dias seguintes as concentrações e os choques com as forças repressivas.

Ao mesmo tempo que ripostavam às arremetidas da G.N.R., apupando e apedrejando os elementos que mais se destacavam na repressão, os operários realizaram junto da massa dos soldados da G.N.R. um hábil trabalho de esclarecimento político sobre a justeza da sua luta e sobre o carácter odioso e injusto da repressão a que a G.N.R. se entregava para servir o patronato explorador e um governo inimigo dos trabalhadores e do povo. Os operários diziam aos soldados da G.N.R.: «Vão-se embora! Nós o que queremos é aumento de salário. Vocês também são filhos de trabalhadores e não deveis intervir contra outros trabalhadores. Assim é a miséria a lutar contra a miséria!» O decorrer da greve demonstrou que uma boa parte dos soldados da G.N.R. e mesmo alguns quadros subalternos não é insensível a este trabalho de esclarecimento.



O REGRESSO AO TRABALHO E, FINALMENTE, A VITÓRIA!

A greve durou de 19 de Maio a 1 de Junho. No dia 2, o Comité de Greve, depois de auscultar o sentir das massas decidiu o regresso ao trabalho.

Embora ainda não tivessem visto satisfeitas as suas reivindicações, os operários estavam convencidos de que a amplitude da greve e a sua repercussão política lhes traria em breve a vitória. Para já impunha-se manter a esplêndida unidade e coesão das suas fileiras forjada e consolidada no decorrer da greve.

O recuo organizado a que os 5.000 operários de Pero Pinheiro procederam, justificou-se plenamente. A greve que foi sob o ponto de vista de organização um êxito completo, não se havia, no entanto, alargado a outras regiões. A repressão fazia-se sentir duramente e a fome atormentava já com não menos dureza os milhares de lares dos trabalhadores em greve. Por outro lado, o governo, por intermédio dos delegados do I.N.T., faziam constar que o aumento só seria considerado após o regresso ao trabalho e de acordo com esta campanha os encarregados andaram no dia 1 a convidar os operários para regressarem ao trabalho.

Os trabalhadores compreenderam perfeitamente que o patronato e o governo só não cederam durante a greve por uma questão de prestígio, mas que após a greve, perante a continuação da unidade e disposição de luta dos trabalhadores que tomaram consciência de que a greve constituía uma arma formidável que poderiam voltar a usar, o aumento teria de ser concedido. Os trabalhadores regressaram assim, ao trabalho mantendo a Unidade nas suas fileiras e dispostos a continuar a luta sob novas formas. A disposição de voltar à greve após algumas semanas de trabalho, se entretanto o aumento não fosse concedido, era geral.

Após o regresso ao trabalho, o Partido deu aos trabalhadores a palavra de ordem de trabalho lento e recusa a fazer horas extraordinárias enquanto não fossem aumentados. Esta orientação foi unanimemente aceite e seguida pelos trabalhadores.

Como era de esperar, a vitória dos trabalhadores não tardou muito tempo. Em princípios de Agosto, dois meses após o termo da greve, os operários obtiveram um aumento geral de salários

para toda a classe.

Ainda que os 10\$00 não tivessem sido totalmente conquistados, os aumentos obtidos representam uma grande vitória para os trabalhadores de Pero Pinheiro a qual só foi possível pelo recurso à greve coisa que todos os operários compreendem perfeitamente. Os aumentos obtidos variam entre 5, 6 e 8 escudos tendo ficado os cabouqueiros com 65\$00; os canteiros com 63\$00; os operários das máquinas de corte e os das máquinas de polir respectivamente com 61\$00 e 60\$00 e os trabalhadores não especializados com 49\$00. A maioria da classe teve de facto um aumento de 8\$00 diários. Também as horas extraordinárias que eram antes da greve pagas a singelo, são agora pagas a 25%, o que representa ainda um roubo pois a própria legislação fascista estabeleceu o pagamento a 50%.

Após esta vitória os operários estão dispostos a continuar a luta pela satisfação das restantes reivindicações, tais como a libertação dos companheiros ainda presos, o fim das perseguições e represálias, assim como o pagamento das horas extraordinárias a 50% e dos domingos e feriados a 100%.

Saudando os valentes operários de Pero Pinheiro pela vitória alcançada, fruto da sua unidade e combatividade, o Partido Comunista, o Partido da classe operária, em cujas fileiras militam os trabalhadores de vanguarda, exorta a organização local do Partido a reforçar as suas fileiras com os melhores e mais destacados trabalhadores da região, consolidando assim a organização do Partido e a sua ligação com as massas como condição indispensável para novas lutas e novas vitórias contra a exploração capitalista e contra o fascismo.

Com a sua vitoriosa greve os valentes operários de Pero Pinheiro apontam o caminho a todos os trabalhadores portugueses que como eles sofrem as consequências da criminoso política fascista. Esta luta demonstrou que a unidade dos trabalhadores é uma força invencível e que a greve é nas mãos dos trabalhadores uma poderosa arma de luta que nenhuma força repressiva pode vencer.

A LUTA PELA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E NACIONAL

«O Partido Comunista Português tem como tarefa ganhar as massas populares para a causa da revolução e concentrar os seus esforços no trabalho de unir, organizar e conduzir à luta as forças democráticas e patrióticas.»

(Do Programa do P.C.P. aprovado no VI Congresso)